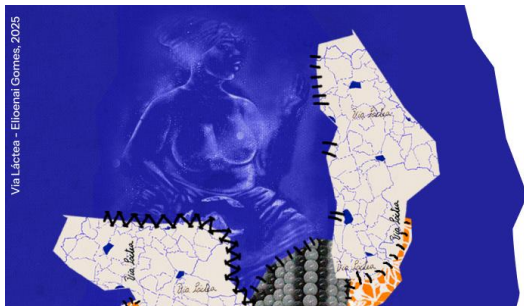




GRAFISMOS DA ALMA: ARTE E PINTURA CORPORAL, RITO, CORPOS E NARRATIVAS DA COSMOLOGIA TEMBÉ TENETEHAR – UM ESTUDO INTERCULTURAL SOBRE ARTE INDÍGENA NA AMAZÔNIA

SOUL GRAPHICS: ART AND BODY PAINTING, RITE, BODIES AND NARRATIVES OF TEMBÉ TENETEHAR COSMOLOGY – AN INTERCULTURAL STUDY ON INDIGENOUS ART IN THE AMAZON

Walter Gomes Rodrigues Junior¹

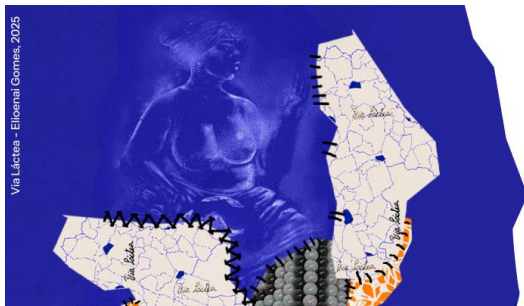
Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo: Esta é uma pesquisa em andamento sobre arte indígena do povo Tembé Tenetehar, com ênfase nos grafismos da pintura corporal em conexão com sua cosmologia. Com base em uma abordagem etnográfica, situada no campo da Arte/Educação, o estudo objetiva compreender os sentidos simbólicos e estéticos atribuídos aos grafismos, especialmente no contexto do rito de passagem denominado Wira'u-haw. Para conduzir o percurso de investigação, optou-se prioritariamente pela abordagem etnográfica, uma vez que esta metodologia propicia uma escuta sensível às epistemologias e práticas próprias do povo estudado. A pesquisa fundamenta-se nos aportes teóricos da interculturalidade crítica e da decolonialidade, conforme formulados por Walsh (2009), Quijano (2005) e Mignolo (2005), cujas contribuições questionam as lógicas coloniais de produção de conhecimento e reafirmam a legitimidade dos saberes dos povos originários. A investigação teve início com uma revisão bibliográfica sistemática e com um estudo detalhado sobre as categorias, conceitos e teorias relacionadas a pesquisa visando à construção do referencial teórico e à análise de estudos já realizados sobre o tema. A etapa de campo está prevista para iniciar no segundo semestre de 2025, com uso de observação participante, entrevistas informais e semiestruturadas, registros em notas de campo, fotografias e registros audiovisuais, respeitando os protocolos culturais estabelecidos pela comunidade. A pesquisa prevê contrapartidas como a devolução dos resultados em formatos acessíveis, produção de material didático a ser utilizado na educação escolar indígena e não indígena, e ações de valorização da arte e memória cultural do povo Tembé Tenetehar.

Palavras-chave: arte indígena; grafismo; Tembé Tenetehar.

Abstract: This is an ongoing study of the indigenous art of the Tembé Tenetehar people, with an emphasis on body painting graphics in connection with their cosmology. Based on an ethnographic approach within the field of Art/Education, the study aims to understand the symbolic and aesthetic meanings attributed to these graphics, especially in the context of the Wira'u-haw rite of passage. The research focused primarily on an ethnographic approach, as this methodology fosters a sensitive listening to the epistemologies and practices specific to the studied people. The research is grounded in the theoretical frameworks of critical interculturality and decoloniality, as formulated by Walsh (2009), Quijano (2005), and Mignolo (2005), whose contributions question the colonial logic of knowledge production and reaffirm the legitimacy of indigenous knowledge. The research began with a systematic literature

¹ Doutorando em Artes do PPGArtes – UFPA. E-mail: waltergomes73@gmail.com. Bolsista Capes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8130635036099412>.



review and a detailed study of the categories, concepts, and theories related to the research, aiming to develop a theoretical framework and analyze previous studies on the topic. The fieldwork is scheduled to begin in the second half of 2025, using participant observation, informal and semi-structured interviews, field notes, photographs, and audiovisual recordings, respecting the cultural protocols established by the community. The research includes counterparts such as the return of results in accessible formats, the production of teaching materials for use in Indigenous and non-Indigenous school education, and actions to promote the art and cultural memory of the Tembê Tenetehar people.

Keywords: indigenous art; graphics; Tembê Tenetehar.

1 INTRODUÇÃO

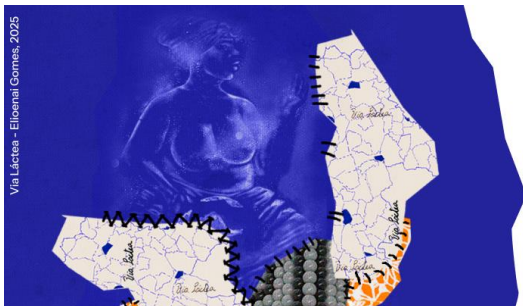
A Arte Indígena no Brasil, frequentemente subestimada ou ignorada na narrativa oficial da História da Arte, possui uma rica e complexa tradição que antecede a chegada dos europeus e continua influenciando a cultura brasileira contemporânea. Para compreender seu lugar na história da arte no Brasil, é fundamental explorar suas origens, características e o impacto que tem no cenário artístico atual.

Segundo Ferreira (2019), o livro História Geral da Arte no Brasil, organizado por Walter Zanini em 1983, foi o primeiro a introduzir questões que ainda não haviam sido abordadas nos círculos acadêmicos como é o caso da arte indígena. Ribeiro (1987), no volume 3 da Suma Etnológica Brasileira, aponta em seu texto “Arte Índia”, como a noção de estética é relacionada à arte indígena brasileira.

[...] O importante, porém, é que, lá, qualquer arco comum de caça ou qualquer peneira reles de colher mandioca são muito mais belos e perfeitos do que seria necessário para cumprir suas funções de uso. Essa perfeição, buscada e alcançada com muito esforço e muito esmero, só se explica porque sua função efetiva é serem belas. Em consequência, no universo indígena, todos esses objetos podem ser tidos como criações artísticas. (RIBEIRO, 1987, p. 29).

Segundo o RCNEI², “nas sociedades indígenas, a arte está presente nas diferentes esferas da vida: os rituais, na produção de alimentos, nos locais de moradia,

² Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.



nas práticas guerreiras, além de expressar aspectos da própria organização social. (BRASIL, 1998, p. 288).

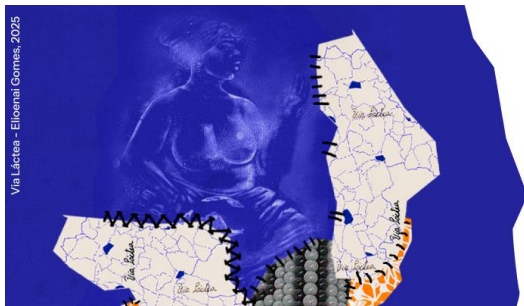
Para as muitas sociedades indígenas, não há uma divisão entre o que é arte, religião, história, medicina, e sim há uma cosmologia circular entre esses elementos que convergem para a natureza, para floresta. A dimensão do coletivo e do sagrado estão embricadas. Lagrou (2009), exemplifica essa relação ilustrando que para os kaxinawa, (grupo pano, Acre³), tecer e cantar são atividades fundamentais e produtivas no dia-a-dia dos Kaxinawa, compondo uma estética que representa uma arte de viver de forma única, kuin, ao estilo característico dos Kaxinawa.

Entre os elementos mais característicos da arte indígena estão as pinturas e as expressões gráficas utilizadas em artefatos como cerâmicas, tecidos e adornos corporais, assim como na pintura corporal realizadas em práticas cotidianas da vida social, festas, ritos de passagem e outras diversas atividades importantes para a comunidades. Os grafismos, muitas vezes pintados ou entalhados, não apenas decoram, mas remetem a narrativas cosmológicas e conhecimentos culturais específicos, havendo muitas das vezes o predomínio de uma relação ontológica, mítica com essas práticas.

Lagrou (2009), afirma que no universo ameríndio, a anaconda ou jiboia primordial ou sobrenatural é vista como a dona original dos padrões decorativos usados em diversas formas de arte como na pintura corporal, no trançado de cestos e outros. Os mitos de origem narram como os humanos adquiriram essa riqueza cultural e, essa associação entre os desenhos e a sucuri, comum a várias culturas, revela seu papel como um dado transcultural e símbolo-chave da Amazônia.

Os grafismos indígenas têm inúmeros significados, alguns carregam significações tão importantes que são considerados sagrados ou até mesmo únicos para determinados povos. As pinturas corporais são utilizadas como forma de identificação dos grupos indígenas, as vezes com diferenciações dentro de uma

³ Os Kaxinawá pertencem à família linguística Pano que habita a floresta tropical no leste peruano, do pé dos Andes até a fronteira com o Brasil, no estado do Acre e sul do Amazonas, que abarca respectivamente a área do Alto Juruá e Purus e o Vale do Javari. (https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Huni_Kuin_Kaxinaw%C3%A1).



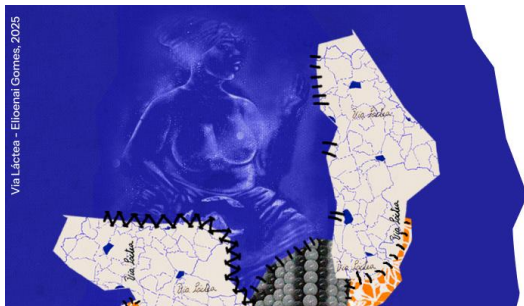
mesma etnia. Alguns povos identificam a sua essência ontológica e/ou identidade cultural nas pinturas corporais.

Em síntese, os indígenas carregam no corpo a identidade cultural de seu povo. As pinturas são as marcas de muitas etnias e são diferentes para cada ocasião. Dependendo do grupo indígena, os traços ou motivos usados nas pinturas corporais podem indicar mudanças na vida de um indivíduo ou a função que ele ocupa naquela determinada sociedade.

As pinturas indígenas também carregam histórias, narrativas e simbologias ancoradas na ancestralidade de cada povo, obedecem a princípios sagrados, cosmológicos e simbólicos da sociedade que representa e está para além das convenções e valores estéticos da tradição ocidental. Como afirmou o intelectual e artista Macuxi, Jaider Esbell (2021), em entrevista à revista Brasil de Fato⁴, “os povos indígenas têm seus próprios sistemas de arte com fundamentos próprios, razões e intensidades os quais não pressupõem uma cópia ou um arremedo do modelo europeu de arte”. A arte indígena se constitui como meio de comunicação simbólica e espiritual com a vida social, com os diversos aspectos da cultura, da natureza e da cosmologia desses povos.

Com o propósito de compreender a configuração singular na qual a arte indígena se insere e, considerando os fundamentos simbólicos, cosmológicos e cosmogônicos próprios dos povos originários, propõe-se a realização de um estudo de base etnográfica, com interface na área de Arte/Educação. A investigação tem como foco central os grafismos presentes na pintura corporal do povo indígena Tembé Tenetehar, da aldeia Za War-u-hu, situada na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG). Tais grafismos, expressos em distintas práticas culturais e sociais, serão analisados com ênfase especial (mas não unicamente) no contexto do rito de passagem Wira'u-haw. Paralelamente, busca-se elaborar um material didático com ênfase nas pinturas corporais presentes nas referidas práticas culturais do povo Tembé e fundamentado na pedagogia decolonial, conforme proposto por Mignolo (2005) e Quijano (2005) e na interculturalidade crítica, segundo Walsh (2009, 2013), com vistas ao ensino de

⁴ Revista Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/03/jaider-esbell-arte-indigena-desperta-uma-consciencia-que-o-brasil-nao-tem-de-si-mesmo/>



Artes Visuais na educação básica. A proposta visa à valorização, o reconhecimento e o respeito a cultura do povo Tembé e ao fomento a implementação da Lei 11.645/2008⁵.

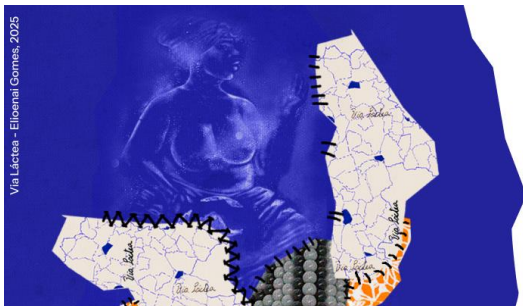
A Lei 11.645/2008 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Apesar disso, a arte indígena ainda é muitas vezes interpretada de forma colonial, reduzida a artesanato, folclore ou a algo do passado. Essa visão limita sua compreensão enquanto expressão viva e cosmológica.

Ainda é comum se observar em práticas escolares a folclorização sobre a cosmovisão indígena, assim como se percebe no imaginário popular uma interpretação/compreensão homogeneizadora das culturas indígenas, compreendidas e tratadas apenas como manifestações do folclore brasileiro, quase sempre recheadas de estereótipos, preconceitos racistas e localizadas num passado remoto colonial que desconsidera toda trajetória histórica dos indígenas marcada por perseguições, fugas, extermínios e resistências.

Diante deste quadro, surge a seguinte questão problematizadora: quais estratégias e práticas podem ser desenvolvidas para superar a perspectiva colonial ainda presente em muitas instituições e abordagens educacionais, que tratam a cosmologia e culturas indígenas como algo pertencente a um passado mítico remoto e sua arte como meros adornos decorativos alienados de significados e conceito, ou artesanatos com significados generalizados e descontextualizados da realidade, perpetuando a estereotipada imagem do "índio genérico"?

A superação das condições impostas pelas estruturas hegemônicas e coloniais requer a formulação de ações e práticas que promovam o reconhecimento e a valorização das culturas indígenas. Para tanto, faz-se necessário adotar abordagens de pesquisa e ensino pautadas em uma perspectiva intercultural crítica e decolonial. Parte-se da hipótese de que estudos no campo da Arte/Educação, articuladas à Etnografia e centradas na produção artística indígena, como a pintura corporal, quando compreendidas em sua dimensão simbólica, cosmológica, mas também estética, podem contribuir de forma significativa para o enfrentamento de estereótipos

⁵ A Lei 11.645 de 8 de março de 2008, altera a Lei no 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003 para incluir no currículo oficial das redes de ensino de Educação Básica a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".



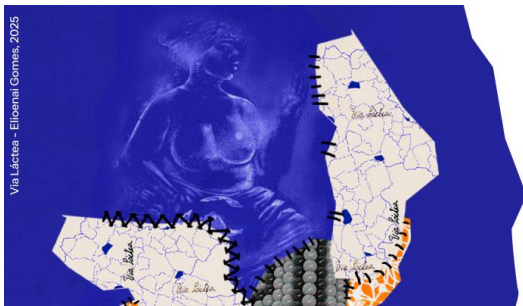
e preconceitos historicamente atribuídos às populações indígenas. Além disso, a produção e disseminação de materiais didáticos e pedagógicos voltados ao ensino de Artes Visuais na educação básica, fundamentados nessas perspectivas, representam um importante instrumento para a valorização e fortalecimento das expressões culturais indígenas no contexto escolar.

2 **WIRA'U-HAW**

Os Tembé Tenetehar, população alvo dessa pesquisa, são um dos diversos povos indígenas originários do Brasil, com uma presença significativa na região Norte, especificamente na Terra Indígena Alto Rio Guamá, localizada no nordeste do estado do Pará. A localização geográfica é fundamental para a cultura e a subsistência dos Tembé Tenetehar, pois estes mantêm uma relação estreita e simbiótica com o meio ambiente ao seu redor.

Como muitos povos indígenas, os Tembé Tenetehar enfrentam desafios significativos relacionados à preservação de suas terras, culturas e modos de vida tradicionais. A expansão do agronegócio, a exploração de recursos naturais e outras pressões externas têm impactos diretos sobre seu território e seu modo de vida. No entanto, o fortalecimento da identidade cultural e a mobilização para a proteção de seus direitos têm sido estratégias essenciais para enfrentar esses desafios.

De acordo com Pereira e Fernandes (2017), os Tembé Tenetehar do Guamá, após um longo período de tutela estatal e negação de seus direitos, reorganizaram-se junto aos parentes de Gurupi na luta pelo território e pela valorização da cultura, o que impulsionou, a partir do final da década de 1980, o ressurgimento das pinturas corporais como expressão de identidade étnica e estratégia política simbólica de diferenciação. Nesse processo, memórias, saberes e práticas transmitidas pelos parentes de Gurupi orientaram o uso do jenipapo e do urucum na elaboração de padrões tradicionais das pinturas corporais como a cuia, a meia-lua e a onça pintada, além da assimilação de grafismos de outras etnias. Assim, a pintura corporal passou a se afirmar como elemento central na construção de identidade, ancestralidade e



pertencimento, articulando conhecimento tradicional, transmissão oral, diversidade simbólica e mediação entre o mundo real e o sobrenatural

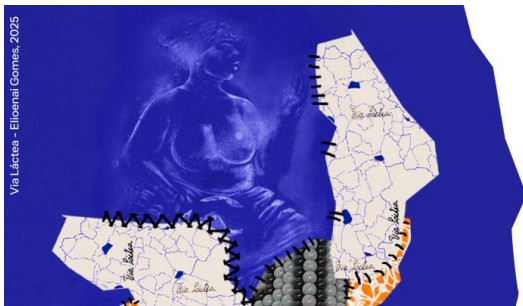
As práticas culturais dos Tembé Tenetehar incluem rituais, festividades e celebrações que são fundamentais para a manutenção da coesão social e da identidade cultural desse povo. Assim como também possuem uma profunda conexão ontológica com a terra e com os demais seres, humanos e não-humanos, que habitam a terra indígena. Suas crenças estão intrinsecamente ligadas ao ambiente natural.

Os Tembé Tenetehar, desde a gravidez, até o momento do casamento dos jovens, realizam uma série de festas que compõem um grande ritual de vida. Este ritual é formado pela Festa das Crianças, Festa do Mingau da Moça e Wira'u-haw, a Festa do Moqueado. (NEVES; CARDOSO, 2015, p. 19).

Assim, o Wira'u-haw, conhecido também por Festa do Moqueado ou Festa da Moça, é um importante rito de passagem para as meninas e meninos, marcando a transição da infância para a vida adulta. Neste ritual estão presentes diversos saberes tradicionais do povo Tembé Tenetehar.

Coelho (2014), explica que a festa é constituída de três Fases: 1- Fase da Tocaia: A menina é isolada após a primeira menstruação, permanecendo em um quarto ou casa separada, onde apenas familiares próximos e o pajé podem visitá-la; 2- Festa do Mingau (Pinakapememek): Após o período de tocaia, a menina prepara mingau de mandioca, que é passado em seu corpo para fortalecê-la. Ela também recebe pinturas corporais específicas; 3- Wira'u-haw (Festa do Moqueado): A fase final, onde a menina é adornada com penas e participa de cantorias e danças. A festa tem duração de vários dias e envolve toda a comunidade. O Wira'u-haw é um momento muito importante na vida das meninas e meninos Tembé, marcando sua entrada na vida adulta e reforçando a coesão social e cultural da comunidade.

É importante ressaltar a grande efervescência artística em tempos de cerimônias e rituais entre os Tembés. Nesses momentos festivos e de ritos, as atividades do dia-a-dia são interrompidas para se dar ênfase às práticas culturais e simbólicas que reafirmam os fundamentos cosmológicos e cosmogônicos da comunidade.



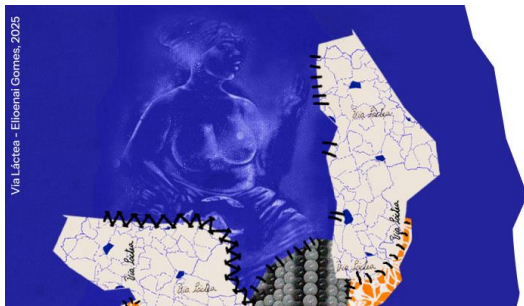
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Esta pesquisa fundamenta-se nos aportes teóricos da interculturalidade crítica e da decolonialidade, especialmente nas contribuições de Walsh (2009, 2013), Quijano (2005) e Mignolo (2005), entre outros teóricos que compartilham desta perspectiva. Esses autores integram o campo do pensamento decolonial latino-americano, propondo uma crítica epistemológica, política e ontológica às estruturas de poder, saber e ser herdadas da colonização. De acordo com Mignolo (2005), as teorias do pensamento decolonial e da interculturalidade crítica, com questionam a hegemonia eurocêntrica na produção do conhecimento nas ciências humanas e denunciam a geopolítica do saber imposta pelo colonialismo europeu sob o nome de modernidade, a qual buscou legitimar uma única epistemologia em detrimento de outras formas de conhecimento. Esses conceitos, tratados pelos referidos teóricos, propõem uma ruptura com os paradigmas epistemológicos do pensamento moderno/colonial ocidental, evidenciando a necessidade de se construir alternativas a partir dos saberes, práticas e experiências dos povos historicamente subalternizados.

Para Walsh (2013), a interculturalidade crítica está intrinsecamente ligada à pedagogia decolonial, que se manifesta como prática educativa comprometida com a emancipação dos sujeitos colonizados. A pedagogia decolonial propõe a valorização dos saberes ancestrais e comunitários, promovendo um diálogo de saberes que rompe com a hierarquia entre conhecimento acadêmico e conhecimento popular.

No âmbito do Ensino de Arte, recorreremos às discussões sobre interculturalidade e multiculturalidade crítica apresentadas por Barbosa (1998) e Richter (2003), onde questionam as culturas hegemônicas no ensino de arte, problematizam os valores etnocêntricos e os estereótipos culturais, e enfatizam o estudo e a valorização de grupos minoritários do ponto de vista do poder.

Assim, esta pesquisa alinha-se à perspectiva da interculturalidade crítica e da decolonialidade como fundamentos teóricos que possibilitam uma análise comprometida com a superação das desigualdades históricas e com a valorização dos saberes e práticas dos povos originários. A proposta é construir uma abordagem que



dialogue com essas epistemologias insurgentes, reconhecendo nelas potentes contribuições para a transformação das práticas educativas, das relações de poder e dos modos de produção de conhecimento. Compreende-se que ao estudar temáticas indígenas, é essencial adotar tais perspectivas, pois elas questionam as diferenças e igualdades construídas historicamente entre diversos grupos socioculturais.

Buscou-se também a interlocução com às obras e perspectivas de autores indígenas que abordam a interculturalidade e a decolonialidade em seus trabalhos, como Baniwa (2006), Kopenawa (2015), Krenak (2019), Munduruku (2009), entre outros que poderão ser incorporados ao longo da pesquisa.

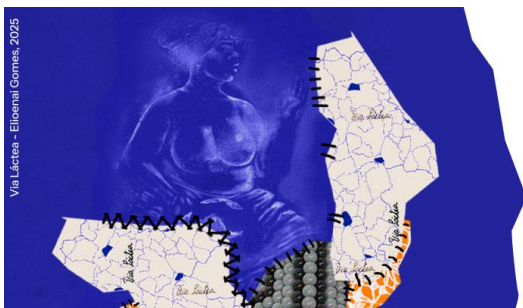
Para conduzir o percurso de investigação, optamos prioritariamente pela abordagem etnográfica orientada por López (1999), por ser um método de pesquisa qualitativa essencial para compreender a complexidade das culturas e sociedades, em especial as indígenas. Essa abordagem se destaca por seu foco na observação participante e na imersão no ambiente social e cultural dos grupos estudados. Ao trabalhar com povos indígenas, a etnografia oferece ferramentas e práticas que permitem um entendimento mais profundo e respeitoso das suas tradições, modos de vida e perspectivas.

Iniciamos a trajetória com a revisão de literatura relacionada ao objeto de estudo da pesquisa, assim como um estudo detalhado quanto as categorias, conceitos e teorias já anunciadas acima e que embasam a pesquisa. O objetivo desta etapa é construir o marco teórico e trazer os principais resultados de trabalhos que foram realizados sobre o tema, contextualizando-os a partir das distintas visões.

A pesquisa de campo terá início no segundo semestre de 2025. Será realizada com pessoas indígenas em seus territórios, respeitando integralmente a Resolução nº 304, de 9 de agosto de 2000, do Conselho Nacional de Saúde (CNS)⁶, que estabelece diretrizes éticas específicas para investigações envolvendo populações indígenas.

No processo de consentimento, o protocolo de pesquisa será devidamente apresentado, com a descrição clara dos objetivos, justificativas, métodos, potenciais

⁶ A resolução nº 304/2000 – CNS, busca afirmar o respeito devido aos direitos dos povos indígenas no que se refere ao desenvolvimento teórico e prático de pesquisa em seres humanos que envolvam a vida, os territórios, as culturas e os recursos naturais dos povos indígenas do Brasil. Reconhece ainda o direito de participação dos indígenas nas decisões que os afetem.

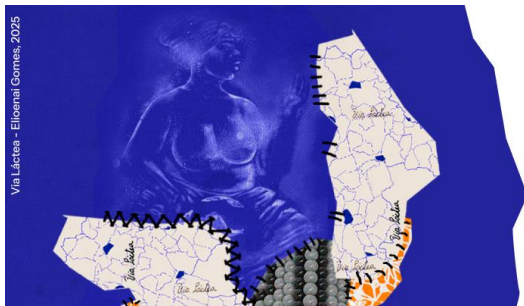


benefícios e eventuais riscos envolvidos. A anuência dos participantes ou de seus representantes legais será obtida de forma livre e esclarecida, garantindo que a decisão de participação ocorra com base em informações completas e compreensíveis sobre a natureza do estudo.

A coleta de dados será pautada na etnografia colaborativa. Durante o trabalho de campo, serão empregados os seguintes métodos: observação participante, entrevistas informais e semiestruturadas, registros em notas de campo, registros fotográficos e audiovisuais, quando autorizados, sempre respeitando os critérios culturais e espirituais do povo pesquisado. A pesquisa será guiada por uma postura ética, de respeito aos direitos coletivos e a valorização dos conhecimentos tradicionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa busca gerar benefícios tanto para a comunidade acadêmica quanto para o povo Tembé Tenetehar. No âmbito científico, propõe-se a contribuir para o avanço dos estudos na interface entre Arte/Educação, etnografia e saberes indígenas, reconhecendo a arte indígena como campo legítimo de produção estética e epistemológica. Para a comunidade indígena pesquisada, a devolutiva dos resultados constitui um princípio ético e um gesto de reciprocidade, assegurando o compartilhamento dos conhecimentos produzidos em formatos acessíveis como textos, imagens e materiais audiovisuais, que poderão ser utilizados em contextos escolares indígenas e não indígenas. Essa devolutiva, fundamentada na perspectiva decolonial e intercultural crítica, respeitará os direitos da comunidade sobre seus saberes tradicionais e incluirá ações de contrapartida, como oficinas e formações educativas. Desse modo, o estudo sobre os grafismos corporais Tembé Tenetehar assume caráter colaborativo, voltado à valorização e ao fortalecimento dos saberes e práticas culturais indígenas.



REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. Resolução nº 304, de 09 de agosto de 2000 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2000/resolucao-no-304.pdf/view>. Acesso em: 23.11.2024

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998 e 2002.

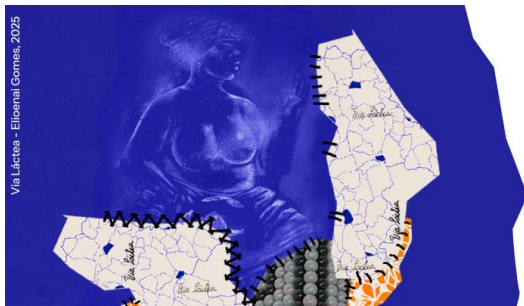
COELHO, José Rondinelle Lima. Cosmologia Tenetehara Tembê: (re)pensando narrativas, ritos e alteridade no Alto Rio Guamá - PA. 2014. 174 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

ESBELL, Jaider. Arte indígena desperta uma consciência que o Brasil não tem de si mesmo. Entrevista concedida a Revista Brasil de Fato em 03 de nov. de 2021. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/03/jaider-esbell-arte-indigena-desperta-uma-consciencia-que-o-brasil-nao-tem-de-si-mesmo/>. Acesso em: 09/01/2025.

FERREIRA, Carolin Overhoff. Introdução Brasileira à Teoria, História e Crítica das Artes. São Paulo: Edições 70, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



LAGROU, Els. Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C / Arte, 2009.

LÓPEZ, Graciela Lima. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. Textura - Revista de Educação e Letras, Canoas, RS, v. 1, n. 1 (1999). Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/660/470>. Acesso em: 14/01/2025.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, 2005, p. 33-49. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>

MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Global Editora, 2009.

NEVES, Ivânia dos Santos; CARDOSO, Ana Shirley Penaforte. Patrimônio Cultural Tembé-Tenetehara: Terra indígena alto rio Guamá. Belém: Iphan-PA, 2015.

PEREIRA, José Agnaldo Pinheiro; FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Grafismo Corporal e Saber Tradicional Tenetehar Tembé de Guamá. Nova Revista Amazônica, v. 5, n. 3 (2017). DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v5i3.6313>.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, 2005, p. 107-130. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/>.

RIBEIRO, Darcy. Arte Índia. In: RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta G. Suma Etnológica Brasileira. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Vozes/FINEP, Petrópolis. Volume três. 1987.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO I. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.